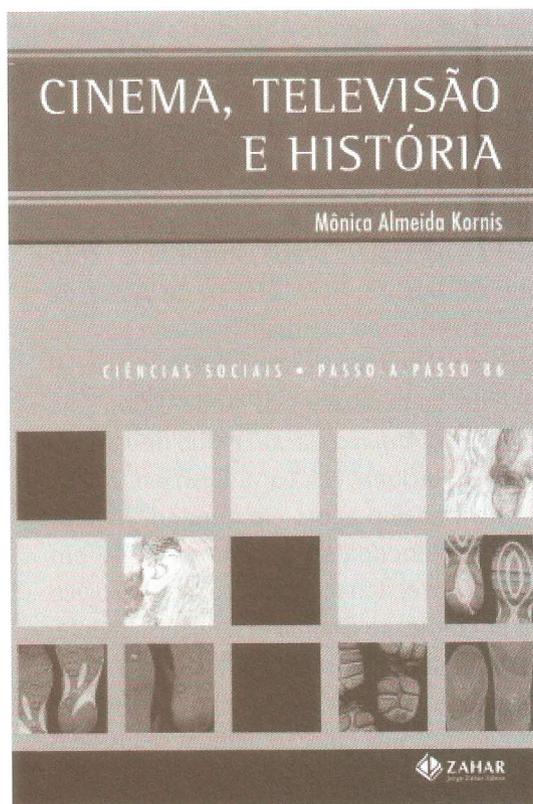


KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, televisão e história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 (Col. Passo-a-passo; 86).

Isabel Bilhão

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Autora de, entre outros livros, *Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)*. 1. ed. Londrina: EDUEL, 2008.



Recebido em: 27/08/2008

Aceito em: 30/09/2008

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, televisão e história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 (Col. Passo-a-passo; 86).

Mônica Almeida Kornis iniciou seus estudos sobre as relações entre cinema, televisão e história na primeira metade dos anos 1990, doutorando-se pela USP com a tese intitulada *Uma história do Brasil recente nas minisséries da Rede Globo*. De lá para cá se tornou pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e professora da Escola Superior de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, ambos da FGV.

Dentre seus artigos sobre a temática, destacam-se: "Agosto e agostos: a história na mídia", incluído em *Vargas e a crise dos anos 50* (Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994), organizado por Ângela de Castro Gomes; "Ficção televisiva e identidade nacional: *Anos dourados* e a retomada da democracia", em *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção* (Rio de Janeiro, FGV, 2003), de Alzira de Abreu, Fernando Lattman-Weltman e M. A. Kornis e "Uma memória da história nacional recente: as minisséries da Rede Globo", na *Revista do Arquivo Nacional* (Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, vol. 16, n. 1, jan.jun. 2003).

No trabalho agora em questão, Mônica Kornis preocupa-se prioritariamente em realizar um apanhado histórico metodológico da utilização do cinema e, tangencialmente, da televisão, como fontes históricas. Essa preocupação está relacionada à própria configuração da coleção na qual se insere o livro, que se apóia numa proposta de divulgação didática, realizada em poucas páginas, visando colocar à disposição de

estudantes universitários e do público interessado, discussões acadêmicas recentes.

A autora começa fazendo uma provocação, lembrando que a utilização do cinema e da televisão como fontes para o estudo da história tem sido em geral mais comentada e aceita do que refletida e é dessa provocação que ela parte para realizar um levantamento das principais discussões historiográficas acerca do uso "da imagem em movimento" para o estudo do passado.

Esse percurso, analisado no tópico intitulado – *O documento "filme" e o debate sobre cinema e história* – inicia-se pela historiografia francesa, com a apresentação das obras de Marc Ferro que, na década de 1960, tornou-se o único historiador do grupo dos Annales a desenvolver estudos em torno da relação entre cinema e história. Kornis destaca em sua análise o artigo de Ferro, "O filme, uma contra-análise da sociedade?", publicado na coletânea *História: Novos objetos*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Dentre os pontos assinaláveis nas discussões propostas estão, segundo Kornis, o esforço de Ferro em demonstrar que o filme constitui um documento para a análise das sociedades, ainda que não faça parte "do universo mental do historiador", preocupando-se em descobrir os elementos não visíveis do filme que permitam realizar a construção de uma outra história: a contra-história, que tornaria possível uma "contra-análise" da sociedade, por revelar aspectos da realidade que ultrapassam os objetivos do

realizador negando-se, portanto, a ver na imagem cinematográfica apenas a ilustração, confirmação ou negação do documento escrito.

Ainda na França, Kornis cita o historiador e professor de cinema Pierre Sorlin como outra referência nos estudos sobre cinema e história. Nos anos 1970, Sorlin destacava dois aspectos na análise do filme histórico: 1) o fato de que os eventos passados são escolhidos para dar soluções ao momento em que são realizados e 2) a importância da análise do filme entendido no contexto de sua produção, valorizando todo o circuito: financiamento, filmagem e distribuição.

Mantendo o percurso pela Europa, Kornis aborda, em linhas gerais, a influência de historiadores ingleses como Anthony Aldgate, Jeffrey Richards e Arthur Marwick para os quais existem três aspectos relevantes a serem considerados na análise fílmica em relação à História: 1) os elementos que compõem o conteúdo (roteiro, direção, fotografia, música, atuação); 2) o contexto social e político da produção, assim como a própria indústria do cinema e 3) a recepção do filme considerando a influência da crítica e a reação do público.

Quanto aos Estados Unidos, Kornis esclarece que é partir dos anos 1970, que os estudos sobre cinema e história difundiram-se naquele país. Os trabalhos norte-americanos tinham inicialmente o foco dirigido para cinejornais e documentários e somente na década seguinte para a ficção. A autora chama atenção nesse contexto para a criação da revista *Film and History* e para o trabalho de um de seus criadores, John O'Connor, que publicou, em 1990, uma coletânea reunindo artigos de europeus e norte-americanos sobre o tema. Conforme Kornis, foi nesse trabalho

que, pela primeira vez, a televisão surgiu como objeto de preocupação no campo da história.

No tópico seguinte intitulado *A escrita da história pelo cinema e pela televisão* a autora descreve, seguindo uma linha cronológica, o percurso transcorrido por esses dois veículos em suas diferentes maneiras de "narrar" a história. Inicialmente analisa as influências dos melodramas do teatro popular francês do século XIX sobre as produções cinematográficas e televisivas durante o século XX, destacando entre outros elementos a visão maniqueísta de mundo apresentada a partir de uma construção tripartite: forte antagonismo como situação inicial; uma violenta colisão de interesses, no desenrolar do drama e um desfecho que apresenta o triunfo da verdade e a punição do vício.

Segundo a autora, embora tenham ocorrido divergências e até mesmo oposições ao cinema narrativo, baseado em efeitos de verossimilhança, como por exemplo, a proposta anti-realista do cinema russo, entre as décadas de 1910-1920, sobressaiu-se ao longo do último século uma proposta de ficção que mantém a importância do enredo histórico tanto como pano de fundo quanto como primeiro plano, contribuindo, nos mais variados países, para a construção da identidade/memória nacional, ou para a construção de uma "comunidade imaginada", nos moldes de Benedict Anderson.

Enfim, além de indicar alguns dos principais aspectos da discussão, o ponto alto do trabalho, aliás, uma das características da coleção, é a relação, ao final, de uma ampla bibliografia, em diferentes idiomas, que pode levar os interessados a uma maior especialização no tema.

